

Passaie semi-real

por ARTUR JUSTINO

Surge-me a manhã calma e diáfana. Um sol de lenda trespassa o azul, rasante ao horizonte: cintilla aqui na fronde metálica das oliveiras, espelha além no dorso dum riacho murmuroso.

Sete horas. Que me reservará o dia? Pela ansiedade que me revolve, palpito data de eleição. Diz-mo ainda a transparência do céu, o acêno amigo das árvores, o sôpro, tão suave e manso da brisa matutina. E sobretudo um não sei quê de indeciso—pressentimento vago e informe—que nem por imponderável me alucina menos. Um dos que habitam dentro de mim—aquele que eu prefiro, o Doído, o sibarita místico e transviado, o mago de sensual ascetismo—êsse talvez mo esteja a insinuar. Ainda bem. Deleita-me, profundamente, o escutá-lo—mais ainda o obedecer-lhe. Deixo-me ser, há muito, seu escravo, do que tenho tirado os mais belos momentos desta vida.

A minha loucura animista (que a tudo concede a faculdade, não sei se vil se sublime, de gozar e sofrer) fez-me crer que o auto sentiu a expectante palpitação, que me influiu. Pareceu-me vê-lo estremecer, ansioso, olhos postos no que vem, como eu cativo de prometida surpresa. E afinal a ansiedade era minha, só eu perscrutava o futuro, só eu esperava o negaceiro imprevisto.

Há seres, objectivamente falando, que me acompanham. Noutros momentos, são-me gratos. Hoje, olho-os e não os vejo; feio-lhes, mas não os entendo. São actualmente doutro mundo. Vão comigo, mas não os considero meus companheiros de viagem: isso são-mo os que se agitam dentro do meu peito—que me compreendem, animam ou revoltam. Principalmente o Doído—o de olhos extasiados e sonâmbulos.

Só êle me faz entender o encanto verde, o encanto oiro, o encanto malva dos campos, que se encurvam pelas lombas dos couteiros. Só êle sabe a insidiosa linguagem capaz de me explicar o sortilégio duma paisagem sublime. Só êle me revela, para lá da árvore oscilante junto à berme da estrada, a outra árvore espectral, irmã daquela, mas duma beleza além de tudo quanto pode existir. Por isso o preso acima de tudo—acima de mim-mesmo. E' dêle, a minha vida; e o que ela vale é o que êle vale.

Partimos. Alterosas, mas ainda assim não tanto como a minha expectativa, levantam-se as montanhas. São muralhas, formidolosos redutos, nos recessos dos quais se recolhe o objectivo dos meus desejos frenéticos—e apesar-disso informes, imprecisos. Que saia a terreiro o dragão azul que se me opõe: como poderia eu receá-lo, se nada há mais forte que a loucura? Que me deixe, pois, livre o seu tesouro.

E que será, êsse tesouro? Sem dúvida mulher de sorridente semblante, mãos de lácteo marfim, olhos verde-rã—e um halo de cabelos fulvos, espelhantes, em tórno da cabeça de Vénus setentrional. Ou então velho catarpácio esbeçado, com iluminuras áureas sob o pó dos séculos, no qual um misterioso mago vazasse, de seu cérebro extra-humano, o saber que transcende as possibilidades do *homo sapiens*. Mas o Doído, sub-repticiamente, vai-me insinuando que não é o saber absoluto o termo do meu destino estranho. Que vale, para mim, a Verdade, face a face à Beleza? O conhecer é sempre doloroso—e o fruir do Belo sempre alliciante.

Passa, à nossa ilharga, rija moçoila de bochechas camoesa, encavalada, com garbo belicoso, em palafrem todo nervos. Ao perpassar o auto, encarrapita-se o rocim. A rapariga, mata amazona, estica as rédeas e domina virilmente o espavorido cavalo. Na agilidade da manobra perdeu tudo quanto tinha de lerdo, de vulgarmente boçal. Tão grácil, fez-me lembrar a gravura, século XVIII, que se debruça por cima da minha

(Segue na página imediata)

a ciência

de ALFREDO

«O papel do sábio na invenção das novas teorias é duma liberdade que só a palavra — beleza — pode traduzir.»

LEONARDO COIMBRA

(«O Pensamento Filosófico de Aurota de Quental»)

HA' um livro de Eça de Queiroz que termina: «...êsse descarado heroísmo de afirmar que, batendo em terra com pé forte ou elevando pálido os olhos ao céu se cria, através da universal ilusão, Ciências e Religiões».

Será prudente e acertado analisarmos e, em parte, desfazermos esta aproximação da Ciência com a Religião.

E' certo que, no referente à Religião, êste juízo nenhuma ou pequena contestação merece: Lançadas as suas bases e o corpo da sua doutrina e ritos pela coragem dum espírito forte (que nem sempre adopta a attitude de «elevar pálido os olhos ao Céu», como, por exemplo no mahometismo) a Religião vive depois, fundamentalmente, do potencial dessa coragem e dessa força, mercê da autoridade que delas dimana. Assim o budismo, o judaísmo, o cristianismo, o maometismo. E se há quem, referindo-se ao cristianismo, afirma «que a verdade não pode temer a discussão», esta attitude para com a Religião só pode ser—e é—um caso esporádico, manifestamente resultante da influência que a livre critica da actividade científica exerce actualmente em todos os espiritos.

Alargar, porém, à Ciência, com o carácter que ela tem actualmente, o conceito da **criação-autoritária**, filha dum «descarado heroísmo de afirmar», parece-me um erro.

Com efeito, não está todo o conhecimento científico aberto à criadora e renovadora Discussão?

Para que uma afirmação tenha foros de realidade científica, não basta ser dita corajosamente, «batendo em terra com pé forte». Mais do que coragem para afirmar, são precisos documentos para comprovar. E, então, a nova concepção será aceite até que outra a venha corrigir, substituir, ou distender o seu significado.

Assim na física, como na química, como na biologia. E até na matemática se observa êste mo-